



Biografia de Ana Maria Santos: trajetória formativa e docência de uma mulher negra

Biography of Ana Maria Santos: formative trajectory and teaching of a black woman

Engracia Gomes de Oliveira Lima

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9458-1005>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Sobral, CE, Brasil, gomes.engracia66@aluno.ifce.edu.br

Maria Aparecida Alves da Costa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5213-4869>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Sobral, CE, Brasil, mariapedagoga99@gmail.com

Francinalda Machado Stascxak

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1688-6259>
Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, naldastascxak@gmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2023v6n11D33863

Citation: Lima, E. G. de O.; Costa, M. A. A.; Stascxak, F. M. (2023). Biografia de Ana Maria Santos: trajetória formativa e docência de uma mulher negra. *History of Education in Latin America - HistELA*, 6(1). Recuperado de <https://periodicos.ufm.br/histela/article/view/33863>

Competing interests: The author have declared that no competing interests exist.

Editor: Olivia Morais de Medeiros Neta

Received: 08/09/2023

Approved: 18/11/2023

OPEN ACCESS

Resumo

Esta pesquisa trata da biografia da professora Ana Maria Santos. Ana Maria é uma professora que dedicou sua experiência de mais de 30 anos na docência em escolas públicas do município de Tauá/CE, localizado no sertão dos Inhamuns. Este estudo objetivou biografar a professora Ana Maria com ênfase em sua trajetória formativa, bem como na sua atuação docente entre os anos de 1965 e 2018. A pesquisa amparou-se teoricamente na História Cultural e metodologicamente na História Oral, em que utilizamos como técnica de coleta as entrevistas livres em História Oral. Os resultados apontaram que Ana Maria, mulher negra e de origem humilde, enfrentou diversas dificuldades para prosseguir com seu processo de escolarização e, também, dificuldades relacionadas aos problemas de gênero e raça. Além disso, a pesquisa visa a contribuir com os estudos que versam sobre as temáticas de mulheres negras, bem como com as biografias de educadoras cearenses.

Keywords: Ana Maria Silva. Formação docente. Prática educativa. Mulheres Educadoras.

Abstract

This research deals with the biography of teacher Ana Maria Santos. Ana Maria is a teacher who has dedicated her experience of more than 30 years in teaching in public schools in the municipality of Tauá/CE, located in the backlands of the Inhamuns. This study aimed to biograph teacher Ana Maria with emphasis on her formative trajectory, as well as on her teaching performance between the years 1965 and 2018. The research was theoretically based on Cultural History and methodologically on Oral History, in which we used as a collection technique the free interviews in Oral History. The results showed that Ana Maria, a black woman of humble origin, faced several difficulties to continue with her schooling process and also difficulties related to the problems of gender and race. In addition, the research aims to contribute to the studies that deal with the themes of black women, as well as with the biographies of educators from Ceará.

Keywords: Ana Maria Silva. Teacher training. Educational practice. Women Educators.

Introdução

O presente trabalho é voltado para a análise da biografia da professora Ana Maria Santos, nascida na cidade de Tauá-Ceará, escolhida entre tantas professoras negras no município e na região dos Inhamuns. Ana Maria lecionou por mais de 30 anos na educação municipal de Tauá, representando aqui tantas professoras que dedicaram suas vidas à docência e que são excluídas e, muitas vezes, violentadas pelo preconceito e pela discriminação racial.

Muitas dessas mulheres não tiveram oportunidade de subir hierarquicamente dentro da estrutura do seu trabalho. A subalternidade, a desconfiança e a maldade do patriarcado - herança na sociedade escravocrata brasileira - faz com que excelentes profissionais fiquem esquecidos ou pouco lembrados na história.

Este estudo visa também a embasar reflexões sobre a trajetória de professoras que, assim como Ana Maria, não tiveram condições favoráveis de conduzir os estudos, mas perseveraram e, diante das dificuldades, conseguiram uma boa colocação profissional através da educação.

O presente trabalho pretende analisar e refletir acerca do processo de formação que a professora Ana Maria, suas práticas, suas vivências em sala de aula, o contexto que a sociedade definia para a época em que ela lecionou, os avanços tecnológicos, as mudanças socioeconômicas e culturais.

A educação é algo transformador e necessário na vida de qualquer ser humano. É pelo conhecimento e formação que o cidadão consegue obter mudanças na vida, conviver em sociedade, respeitando as diferenças e combatendo o racismo. Diante disso, qual a representatividade de uma professora negra que conseguiu ascender profissionalmente mesmo diante das adversidades? Diante de tal questionamento, elaboramos o seguinte objetivo: biografar a professora Ana Maria com ênfase em sua trajetória formativa, bem como na sua atuação docente entre os anos de 1965 e 2018.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de fontes históricas e bibliográficas acerca de professoras negras no município e no estado, o combate ao racismo estrutural na sociedade brasileira, visto que uma professora negra passa despercebida diante da sociedade. Importa destacar que suas contribuições para história da educação e do município são relevantes, uma vez que a identidade docente constrói valores e são relevantes para a vida em sociedade. Ana Maria mostrara-nos como é ser uma professora negra, de origem pobre e pondera que o racismo não é fictício, ele existe. Mostra ainda como é ser uma educadora negra em sala de aula, suas práticas educacionais, sua formação como pessoa e a sensibilidade herdada de sua origem humilde. É urgentemente necessário escrever sobre mulheres negras, suas inúmeras atuações, pois elas precisam ser conhecidas e divulgadas.

Os procedimentos adotados foram pesquisas com professoras da região e, por fim, a escolha de uma, em que foram realizadas entrevistas com a professora escolhida. Foram delimitados alguns quesitos, tais como gênero, raça, classe, experiência. Para tanto, foram feitas perguntas abertas a fim de obter, além de informações, emoções, motivações e suas narrativas enquanto mulher negra e professora.

Além da professora escolhida, outras fontes bibliográficas foram utilizadas para a realização do artigo. Dessa forma, a entrevista narrativa permite o contato direto

entre pesquisadoras e entrevistada, tornando muito eficaz a produção e, conseqüentemente, a análise dos dados.

A fim de estruturação, este escrito está dividido em seis seções, a saber: 1. Introdução; 2. Procedimentos teóricos e metodológicos; 3. Trajetória familiar e identidade de Ana Maria dos Santos; 4. Narrativas: memórias da trajetória formativa de Ana Maria dos Santos; 6. Narrativas: contribuição para a educação e a sociedade e 6. Considerações finais.

Procedimentos teóricos e metodológicos

Este artigo foi produzido a partir de uma pesquisa realizada com a professora Ana Maria Santos como requisito para a obtenção do título de especialista de uma das autoras em Docência e Prática de Ensino na Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação do Ceará (IFCE). Pesquisa de campo realizada no município de Tauá/CE por meio de visitas, entrevistas, catalogação bibliográfica e análise das fontes.

Sabemos que os estudos de cunho biográfico vêm ganhando espaço atualmente, principalmente com linhas de pesquisas em programas de Pós-Graduação que direcionam seus estudos a biografias de mulheres educadoras. A exemplo disso, podemos citar o Grupo Práticas Educativas Memórias e Oralidades (PEMO) da Universidade Estadual do Ceará que já biografou um número significativo de educadoras, como será apresentado no quadro a seguir:

Quadro 1: Mulheres biografadas pelo grupo de pesquisa PEMO

Biografada	Autoria	Ano
Célia Goiana	Fialho; Carvalho	2017
Maria Luiza Fontenele	Fialho; Freire	2018
Henriqueta Galeno	Fialho; Sá	2018
Neli Sobreira	Fialho; Queiroz	2018
Argentina Pereira Gomes	Mendes; Fialho; Machado	2019
Rosa Ribeiro	Fialho; Sousa; Díaz	2020
Raquel Dias	Fialho; Santos; Freire	2020
Josete Sales	Fialho; Sousa; Nascimento	2020
Maria Zuíla Moraes	Lopes; Sousa; Fialho	2020
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares	Fialho et al.	2021
Maria Helena da Silva	Fialho; Carvalho; Nascimento	2021
Irmã Elisabeth Silveira	Fialho; Sousa	2021
Helena Potiguara	Pereira; Sousa; Fialho	2021
Hilda Agnes Hübner Flores	Fialho; Brandenburg; Díaz	2021
Ana Carolina Costa Pereira	Oliveira; Sousa; Fialho	2021
José Honorato Batista Neta	Fialho; Díaz; Freire	2021

Irmã Maria Montenegro	Carvalho; Fialho; Lima	2021
Maria Margarete S. de Carvalho Braga	Fialho; Costa; Leite	2022

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Esta pesquisa de cunho biográfico (Dosse, 2015) está teoricamente embasada na História Cultural (Burke, 1992) e, metodologicamente, na História Oral, uma vez que “o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo, enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados” (Alberti, 2005, p. 24).

Toda a história de Ana Maria é fonte histórica para pesquisas sobre mulheres, professoras, negras no município de Tauá. Há uma carência de vestígios históricos, mas faltam os ceifeiros, o historiador diante desse imenso campo de pesquisa. Entretanto, vamos ater-nos às fontes imateriais, às fontes orais e às fontes obtidas em ambiente virtual, tais como textos, artigos, dissertações e teses.

As fontes, por sua vez ultrapassam o tempo para que possamos compreender algo acontecido no passado, sociedade e pessoas, suas mudanças, suas conquistas, como também o seu desaparecimento. A presença do ser humano é marcante a qualquer tempo e em qualquer sociedade, seus vestígios deixam marcas por isso a biografia de uma professora negra faz-se tão relevante.

Além da necessidade de se escrever sobre mulheres porque a história absteve-se de escrever sobre nós, não é apenas no Brasil este silêncio sobre as mulheres e, principalmente, sobre as mulheres negras, mas esta é uma orientação mundial que vem sendo quebrada a partir da escola de Annales.

A terceira geração é a primeira a incluir mulheres [...] Os historiadores anteriores dos Annales haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral, já que haviam obviamente mencionado as mulheres de tempo em tempo, desde Marguerite de Navarre às chamadas bruxas (Fauré, 1980, Stuard, 1981). Nesta geração, contudo, a crítica torna-se cada vez mais impropriedade. Georges Duby e Michèle Perrot, por exemplo, estão empenhados em organizar uma história da mulher em vários volumes (Burke, 1991, p. 56).

Bloch (2002) afirma sobre a observação histórica – modo como se refere à pesquisa – parece “[...] evidente que todos os fatos humanos um pouco complexos escapem à possibilidade de uma reprodução ou de uma orientação voluntárias; [...]” Bloch, 2002, p. 73).

Nas entrevistas feitas com a biografada, foram levantadas questões sobre suas origens, onde nasceu, sua idade, sobre a sua família, sua vida escolar, o ingresso no mercado de trabalho como professora, formação, práticas educacionais etc. Além disso, questionamos sobre a sua formação acadêmica, pós-graduação, tempo de trabalho e práticas educacionais aplicadas em sala de aula.

Como técnica de produção de dados, fizemos uso das entrevistas livres em História Oral, em que pudemos considerar que “é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim” (Meihy, 2002, p. 14).

É importante salientar que as duas entrevistas foram feitas na casa da biografada e tiveram duração média de 30 minutos cada uma. Ao que concerne aos aspectos éticos, antes das entrevistas serem gravadas, foram assinados os Termos

de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, as entrevistas foram transcritas, textualizadas e validadas pela biografada (Flick, 2009).

O presente trabalho visa a registrar a história da professora Ana Maria Santos, um ser humano cheio de conhecimentos, de qualidades, de experiências egressas na educação, portanto, não há nada heroico ao descrevê-la, como também não há nada que impeça de relatar a vida e contribuir a manutenção do conhecimento de professoras que contribuíram com a educação no município de Tauá/CE. Permite conhecer mais sobre o município, lançando questionamentos para a época e imaginar as práticas que as norteavam e o quão podem ser diferentes das atuais.

As seções devem ser escritas em letra Arial, tamanho 12. O tamanho mínimo do texto é de 25 mil caracteres com espaço e o máximo 40 mil caracteres com espaço.

Trajetória familiar e identidade de Ana Maria dos Santos

Ana Maria Ferreira dos Santos, nasceu na cidade de Tauá, na região sul do Ceará, no ano de 1961. Filha de Antônia Rafael, trabalhadora rural e dona de casa e de Vital Ferreira, vaqueiro e agricultor. É a mais velha de três irmãs. De origem humilde, casada, mãe de dois filhos, um deles é autista. Atualmente, é aposentada da educação municipal de Tauá. Com muita alegria e saudosismo, a professora contribuiu com a pesquisa.

A família de Ana Maria era muito pobre e moravam no interior do município de Tauá, na localidade Cachoeira dos Castelos, distante 15 km da sede. O pai lidava com a pecuária nas fazendas por onde trabalhou e a mãe na lida da casa e os cuidados com a roça, de onde vinha o alimento da família.

Ana Maria só começou a estudar aos 8 anos de idade, mas com dificuldade de transporte para a sede do município. Depois de um tempo, os pais retornaram para o interior com as crianças. No sítio onde moravam, seu Vital contratou uma professora particular para alfabetizar as filhas. Só com aproximadamente 10 anos de idade, Ana Maria pôde frequentar uma escola regularmente. Sua mãe era a incentivadora e sempre orientava as filhas a estudarem.

Ana Maria relata com muito saudosismo da mãe que se esforçou para que as filhas estudassem e escapassem de uma vida sofrida no campo. Sua mãe mesmo sendo analfabeta, Dona Tonica, como era conhecida, convencia seu esposo a pagar transporte ou conseguir carona para que as filhas pudessem chegar à sede do município estudar. O fator financeiro impediu a empreitada de estudos de Ana Maria e suas irmãs na infância. Com o passar dos anos, as filhas foram crescendo e Dona Tonica viu a necessidade de as filhas continuarem os estudos, então as duas mais velhas – Ana Maria e uma irmã - vieram estudar na casa de tios em Tauá e indo para o interior aos finais de semana.

Ana Maria lembra da pobreza e das dificuldades que passou no campo com a família para plantar alimentos, colher, pilar o milho para as refeições, o café, o arroz, feijão, não havia na década de 1960 luz elétrica no interior, não havia programas sociais para as pessoas mais empobrecidas, não havia as facilidades que os programas assistenciais trazem para as famílias atualmente.

Narrativas: memórias da trajetória formativa de Ana Maria dos Santos

Como dito anteriormente, aos 8 anos de idade, na época da sua alfabetização, a biografada veio estudar na sede do município de Tauá, durante um semestre porque ela estudou numa escolinha primária. Com muito esforço, o pai custeou sua vinda do interior para a cidade. No ano seguinte, ela foi matriculada na escola Municipal denominada Joaquim Pimenta, cursando a primeira série do ensino primário. Devido às dificuldades financeiras e a falta de trabalho dos pais de Ana Maria, foram obrigados a voltar para o interior com toda a sua família, pausando o estudo das filhas na cidade.

Entretanto, Dona Tonica sabia da importância do estudo e a relevância para a vida das filhas. Assim, convenceu seu Vital a pagar uma vizinha da fazenda onde trabalhavam a ensinar Ana Maria e suas irmãs. O tempo passou e as coisas melhoraram e Ana Maria foi matriculada na escola Municipal Luzia Araújo de Freitas, cursou da 2ª até a 4ª série; em seguida foi para a escola Municipal Fundamental Júlio Rego fazendo da 5ª até a 8ª série. Por conseguinte, ela foi para a escola Dondon Feitosa fazendo do 1º ao 3º ano do curso normal.

Considerando a situação de não haver faculdade em Tauá na década de 1980, o fato de ela sempre querer estudar e o incentivo da mãe, Ana Maria resolveu cursar na Escola Estadual Dondon Feitosa o curso técnico em contabilidade, já o 4º ano adicional do curso normal, ela terminou na escola Antônio Araripe, escola particular mais conhecida como Ginásio.

Sempre estudei em escola pública, fiz fundamental e normal que tinha na época, hoje é pedagogia, e fiz o quarto pedagógico e escola particular. O resto tudo foi e escola pública. Quando eu estudava no final dos anos 60 a metodologia daquela época ensino tradicional e o ensino técnico era o que eu estudava. No final quando e formei na faculdade peguei um pouquinho do construtivismo (Ana Maria, 2022).

Ana Maria sempre estudou em escolas públicas e um ano apenas em escola particular, passando por alguns métodos de ensino, desde o ensino tradicional ao tecnicismo. A escola tradicional norteou com muita intensidade as décadas em que a biografada deste trabalho estudava e suas filosofias eram difundidas e aceitas, não é papel desde trabalho fazer nenhum levantamento crítico sobre o tema. Já o tecnicismo foi outra política implementada pelo governo brasileiro, que todo homem tem que ter um trabalho, o reformismo na educação trouxe nova visão para a educação (Ghiraldelli, 2001).

Partindo da ideia acima citada, Leão (1999, p. 3) argumenta que:

As teorias da educação que nortearam a escola tradicional confundem-se com as próprias raízes da escola tal como a concebemos como instituição de ensino. Não é falso afirmar que o paradigma de ensino tradicional foi um dos principais a influenciar a prática educacional formal, bem como o que serviu de referencial para os modelos que o sucederam através do tempo. Interessante É perceber que a escola tradicional continua em evidência até hoje.

Ana Maria cursou pedagogia na Universidade Estadual do Ceará, no Centro de Ciência e Tecnológico dos Inhamuns, logo após sua inauguração na cidade de Tauá na década de 1990. O CECITEC, contribuiu para a formação acadêmica da maioria dos professores da região dos Inhamuns.

Em dezembro de 1997, prestou vestibular para o curso de Pedagogia na UECE, começando a em fevereiro de 1998 e concluiu em 2002. Já em 2003, concluiu uma especialização em Metodologia do Ensino fundamental e Médio pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

A formatura em Pedagogia pela UECE foi uma conquista muito almejada por Ana Maria, tendo em vista que ela já possuía experiência como professora leiga há quase 20 anos no município e ter no currículo este título para ela foi uma conquista e tanto, já que foi a primeira pessoa a formar-se em sua família.

Para fins de esclarecimentos, a categoria professores leigos, categoria essa que Ana Maria estava inserida antes de cursar Pedagogia, caracterizava-se como professores que possuíam formação para a docência em nível de ensino médio e com a experiência, conseguia ministrar aulas no ensino primário e no ginásio. A atuação desses professores dava-se nas capitais, mas principalmente em regiões afastadas dos grandes centros (Vigh, 2008).

Voltando à trajetória formativa da biografada, assim como muitas mulheres professoras, Ana Maria passou 4 anos dividindo seu tempo entre as tarefas que lhes eram impostas, mãe, esposa, dona de casa, professora e agora estudante.

Ana Maria recorda que na universidade havia poucas estudantes negras e que aquele era um ambiente majoritariamente branco. Para ela, ainda havia um complicador, a questão de gênero e raça condicionado ao fator social. Tendo em vista que mulheres negras de baixa renda encontram-se na base da pirâmide econômica, pois não têm muita escolaridade, salários menores, exercendo funções de subalternidade e, muitas vezes, marginalizadas e submetidas a inúmeras situações de preconceitos.

Em outras esferas, como a do trabalho, a desigualdade de gênero e raça também está presente. Informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD de 2019 concluem que a maior taxa de realização de afazeres domésticos no domicílio ou no domicílio de parente ocorreu entre as mulheres negras, com uma taxa acima dos 90%. Ao tratar da educação, nota-se que, nesse mesmo ano, “no grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo das pessoas de cor branca alcançou 9,5% e, entre as pessoas pretas ou pardas, chegou a 27,1%” (PNAD, 2020, p. 2).

Podemos perceber, de acordo com a citação acima que a população negra no Brasil sempre esteve à margem da sociedade desde o início da constituição histórica da população do Brasil e que isso perpassa a vida da maioria das mulheres negras.

Sabemos que quando se fala em mulher, estamos falando de uma categoria, mas de uma categoria que não é igualitária. Não podemos deixar de fazer comparações em relação aos marcadores de raça e classe. Sabemos que por mais que a categoria seja a mesma, existem contextos e dispositivos que diferenciam essas mulheres, sejam elas brancas, negras, quilombolas, indígenas, travestis ou transexuais (Costa, 2023).

Narrativas: contribuição para a educação e a sociedade

Nesse tópico, debruçar-nos-emos acerca da prática educativa da nossa biografada. Ana Maria começou a lecionar na década de 1980, especificamente em 1983, primeiramente com contrato temporário, depois foi efetivada e passou a fazer parte do quadro efetivo do município de Tauá. Ela trabalhou em várias escolas no município. Começou a lecionar em uma escola filantrópica de Educação Infantil, chamada “Escola Filantrópica Sebastião Leitão”, pertencente ao Lions Clube da cidade, conveniada com a Prefeitura Municipal de Tauá.

É interessante mencionarmos que na década de 1980, a Educação Infantil era compreendida de forma diferente da que temos atualmente. Partindo do princípio de que ainda na década de 1980, a educação era regida pela Lei de Diretrizes de Bases

da Educação de 1971, ou seja, o estado não tinha a “obrigação” de atender crianças de 0 a 6 anos de idade, uma vez que iniciavam seu período de escolarização a partir de 7 anos de idade (Freitas; Biccias, 2009).

Partindo dessa premissa, compreendemos o motivo pelo qual a professora Ana Maria iniciou sua docência em escola de Educação Infantil filantrópica em convênio com a prefeitura local, uma vez que a escolarização para crianças menores de 7 anos dava-se pela iniciativa privada.

Conforme a biografada, ela destaca:

Comecei a lecionar e escola filantrópica, na Escola Sebastião Leitão pertencente ao Clube Lions de ensino infantil, depois fui para o ensino na zona rural, Perímetro Irrigado, Teresa Aragão Serra tanto no fundamental um como no ensino fundamental dois, trabalhei também no Centro Educacional Betesda, escola filantrópica com convenio com o município. Foram as escolas onde trabalhei (Ana Maria, 2022).

De acordo com o relato da biografada, após sair da escola filantrópica e efetivar-se no município, passou por várias escolas públicas da zona rural e da zona urbana. Ministrou aula na educação infantil e, posteriormente, no ensino fundamental. Às vezes, estava apenas na educação infantil e, às vezes, no ensino fundamental e, em outras, de forma concomitante em ambas.

Ela passou algum tempo na escola Sebastião Leitão, depois foi trabalhar na zona rural, na escola localizada no Perímetro Irrigado Várzea do Boi, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Retornando para a sede do município, ela trabalhou na escola Teresa Aragão Serra atuando nos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Além dessas escolas públicas, Ana Maria também trabalhou em outra escola Filantrópica em parceria com o município, a Escola Betesda.

Ser professora nunca foi o sonho inicial de Ana Maria, mas diante das oportunidades surgidas em sua vida, em que as opções de trabalho seriam doméstica ou agricultora, numa região tão escassa de indústrias ou emprego no setor terciário, não havia universidades que pudessem ofertar outra profissão, resolveu aproveitar sua formação no magistério a partir do curso normal já realizado anteriormente.

Entretanto, ao lecionar, identificou-se com a profissão e passou a exercê-la com muito zelo e responsabilidade, gostando do seu reconhecendo, da sua importância enquanto mulher, professora, cidadã e, também, supria suas necessidades enquanto pessoa de origem humilde. *“Eu gostava muito da minha profissão não é que eu sonhava em ser professora, tinha outros sonhos, mas quando comecei a exercer e me identifiquei”* (Ana Maria, 2022).

A narrativa de Ana Maria conta-nos que há vários pontos positivos a serem contados em ser professora, mas o mais significativo e marcante é presenciar e contribuir com a aprendizagem das crianças. Para ela, o ponto negativo é a desvalorização do professor tanto financeiro como institucionalmente.

São vários pontos, mas o mais positivo é você vê uma criança aprender ler e escrever, descobrindo um mundo novo e você como professora participar, isso é muito gratificante. O ponto negativo é a desvalorização financeira e moralmente, cada vez mais a sociedade vem desvalorizando o professor, baixos salários e o desrespeito com os professores (Ana Maria, 2022).

Ao longo de seus 32 anos de magistério, a biografada passou por vários modelos de práticas pedagógicas, inúmeras formações, assim como muitas orientações das secretarias estaduais e municipais sobre quais modelos de práticas seguir. Ela conta-nos que no início da década de 1980 quando começou a trabalhar, o ensino era tradicional e foi modificando para o construtivismo, porém, eram

misturadas, as práticas tinham correlação uma com a outra, pois a Secretaria de Educação era que determinava qual modelo seguir.

Refletindo sobre o início do seu ingresso no magistério, Ana Maria seguiu os pensamentos de Emília Ferreiro, em seguida Paulo Freire e do ensino tradicional. As metodologias empregadas em sala de aula eram pautadas em pedagogos como Piaget, Montessori e passou pelos modelos de educação em séries, depois em ciclos e voltando para as séries novamente, sempre modelos orientados pelas secretarias.

Nos anos 2000, a professora Ana Maria foi convidada na gestão do prefeito em exercício, João Antônio da Luz, a ser diretora da escola de Educação infantil Jorge Massilon, porém não aceitou devido a outro trabalho que exercia e que não daria para conciliar. Todos os 32 anos de experiência e práticas educacionais foram em sala de aula.

Sobre a questão de possíveis preconceitos vividos em sala de aula ou na escola, pelos colegas, pela gestão ou até mesmo pelos pais e comunidade escolar, ela relata que sempre se deu bem nas escolas por onde trabalhou e que foi respeitada, chagando a passar por algumas dificuldades, mas não relatou nenhum caso de racismo escancarado.

Segundo Ana Maria, que é negra com a cor menos retinta que suas irmãs, sofreu aquele racismo velado. O racismo, em todas as suas formas – velado ou escancarado - está vestido como sempre foi no Brasil, o politicamente correto, o racismo que diz em voz alta que todos são mestiços, são originários da mesma descendência da colonização, mas conserva a exploração da doméstica na casa de família. O racismo mata jovens negros sem saber se são marginais, apenas matam. O racismo que possui 68% da população carcerária composta por pessoas negras. “Escondido em supostas brincadeiras ou expressões, o racismo velado é um desafio para todos nós enquanto sociedade. E ele também é um desafio jurídico, difícil de provar e, muitas vezes, interpretado como um crime de menor gravidade no Brasil” (Caetano, 2021, p. 19).

A sociedade é excludente e marginaliza o corpo do povo negro, quando uma mulher negra rebela-se contra o sistema e decide estudar e mudar seu destino, ela muda também o da sua família e o de outras mulheres no seu entorno. O conhecimento chegou no lar, direitos foram apresentados a toda família, o fator financeiro altera o poder de compra, melhora a alimentação, as vestimentas são trocadas, as irmãs e os pais sofrem os efeitos do estudo e do trabalho de Ana Maria.

Entretanto, vem o ônus, historicamente, pessoas negras são vistas com desconfiança apenas por sua aparência, que é excludente só por existir. O racismo velado sofrido por Ana Maria, ela teve que provar constantemente que era capacitada, que era uma boa profissional, relacionar-se bem com a comunidade escolar e conviver com o favoritismo branco que a cercava.

Considerações finais

A partir da tessitura deste texto de cunho biográfico de uma professora negra, objetivamos biografar a professora Ana Maria com ênfase em sua trajetória formativa, bem como na sua atuação docente entre os anos de 1965 e 2018. Esta pesquisa mostrou-nos a biografia de uma mulher negra, educadora cearense, de origem humilde, contando suas experiências ao longo de sua trajetória como professora, sua história, assim como a de muitas outras professoras, são desconhecidas e invisíveis diante da sociedade.

A educação é muito importante para a sociedade e a figura do professor é essencial para o seu desenvolvimento, portanto, um produto da sociedade que está sobre influência do contexto histórico e social, além de questões como gênero, classe e raça, pode-se dizer que o professor é originário desde a colonização do Brasil. Para catequisar os povos originários, para ensinar a nova colônia, construção das primeiras escolas e universidades. Entretanto a profissão de professor é predominantemente exercida por pessoas brancas. Se falarmos em docência do ensino superior, há uma disparidade entre gênero e sexo ainda maiores, já que grande parte dos docentes são brancos e do sexo masculino (Ferreira; Teixeira; Ferreira, 2022).

A docência exige que a/o profissional instigue seus alunos/as a pensar, a criticar, a questionar, representa ainda uma forma de se expressar diante da sociedade. No Brasil, há carência de estudos que aprofundem a discussão sobre a mulher negra enquanto participe do contexto educacional na sua historicidade, por isso, merece sempre novos estudos e revisitações nesse campo.

Observa-se a existência de um racismo velado, maculado de um discurso politicamente correto. O fato de excluir uma pessoa por sua cor é estereotipar e não dar oportunidade àqueles que desde a constituição deste país são excluídos.

Ana Maria trouxe mudanças para a sua casa, quebrou barreiras e superou obstáculos, assim como superou expectativas geradas para uma menina do interior que teve seu destino mudado quando deu continuidade aos estudos. Ela cresceu vendo de perto as dificuldades do sertanejo nordestino, entretanto, sonhou em ter uma vida melhor, talvez se ela tivesse enveredado por outros caminhos, tivesse tido êxito financeiros ou pessoais mais vantajosos. Porém, o caminho escolhido ou o que lhe foi permitido foi como professora e, como ela mesma conta, “fui feliz enquanto estive em sala de aula. Contribuí com a história de alguém” (Ana Maria, 2022).

Referências

- ALBERTI, V. (2005). Manual de História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- BURKE, P. (1991). *A escola dos Annales: a revolução da historiografia francesa 1928-1989*. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista.
- BURKE, P. (1992). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (Biblioteca básica).
- COSTA, M. A. A. (2023). Educação e Docência da Travesti Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2007-2018). Tese (Doutorado em 2023) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=109654>. Acesso em: abr. 2023.
- DOSSE, F. (2015). O desafio biográfico: escrever uma vida. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FERREIRA, E. M.; TEIXEIRA, K. M. D.; FERREIRA, M. A. M. (2022). Prevalência racial e de gênero no perfil de docentes do ensino superior. *Revista Katálysis*, v. 25, n. 2, p. 303-315. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/LvwKpGwBpzfTFtZkS3MygsL/#>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O.; C.; NASCIMENTO, L. B. S. (2021). Memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). *Cadernos de Pesquisa*, v. 28, p. 335. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/14922>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, N. M. C.; DIAZ, J. M. H. (2020). Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência. *Revista Cocar*, v. 8, p. 371-387. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/3083>. Acesso em: 10 abr. 2023.

FIALHO, L. M. F.; QUEIROZ, Z. F. (2018). Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte. *Educar em Revista*, v. 34, p. 67-84. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2022.

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O. C. (2017). História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. *Série-Estudos*, Campo Grande, v. 22, p. 137-157. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/992>. Acesso em: 28 abr. 2023.

FIALHO, L. M. F.; DÍAZ, J. M. H. (2020). Maria Zelma de Araújo Madeira: memórias de formação e resistências da docente universitária negra. *Revista Diálogo Educacional*, v. 20, p. 775-796. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/26441>. Acesso em: abr. 2023.

FIALHO, L. M. F.; SANTOS, H. F. dos; FREIRE, V. C. C. (2020). Biografia da professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. *History of Education in Latin America - HistELA*, v. 3, p. 1-14. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20562/12765>. Acesso em: abr. 2023.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A. de.; NASCIMENTO, L. B. S. (2020). Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. *Roteiro*, v. 45. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23790>. Acesso em: abr. 2023.

FLICK, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.

FREITAS, M. C. de; BICCAS, M. de S. (2009). *História Social da educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo: Cortez.

GHIRALDELI JUNIOR, P. (2001). *Introdução à Educação escolar brasileira: história política e filosófica da educação*. São Paulo: Cortez.

LEÃO, D. M. M. (1999). Paradigmas contemporâneos de Educação: escola tradicional e escola construtivista. *Cadernos de Pesquisa*, n. 107. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PwJJHWcxknGGMghXdGRXZbB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: maio 2023.

MENDES, M. C. F. [et al.] (2020). Iolanda dos Santos Mendonça: a participação das mulheres em movimentos indígenas (1970-2000). *Cambios y Permanencias*, v. 11, p.

828-853. Disponível em:
<https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistacyp/article/view/11094>. Acesso em: abr. 2023.

MENDES, M. C. F.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. dos S. (2019). Argentina Pereira Gomes: disseminação de inovações didáticas na educação primária na década de 1930. *Revista Diálogo Educacional*, v. 19, p. 527-550, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/24959/23519>. Acesso em: jun. 2023.

MEIHY, J. C. S. B. (2002). *Manual de História Oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola.

SANTOS, A. M. F. dos (2022). *Entrevista*. Tauá, 14 abril 2022. Entrevista concedida a Engracia Gomes de Oliveira Lima.

VIGH, C. S. B. (2008). *Professores leigos em escolas rurais: trajetória de vida profissional de um passado (re)visitado*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Pelotas. Pelotas. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/7839>. Acesso em: maio 2023.